

Prospetiva Estratégica

Teoria, Métodos e Casos Reais

JOSÉ SARAGOÇA
CARLOS ALBERTO DA SILVA
JOAQUIM FIALHO
(coordenação)

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, **NOMEADAMENTE FOTOCÓPIA**, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Visite a Sílabo na rede

www.silabo.pt

Editor: Manuel Robalo

FICHA TÉCNICA:

Título: Prospetiva Estratégica – Teoria, Métodos e Casos Reais

Autores: Vários

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição

Lisboa, dezembro de 2016

Impressão e acabamentos:

Depósito Legal: 403230/15

ISBN: 978-972-618-874-2

EDIÇÕES SÍLABO, LDA.

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

Fax: 218166719

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Nota de abertura	11
Parte 1	
<hr/>	
BASE TEÓRICA	
Capítulo 1 – Prospetiva: génese e fundamentos, conceitos, vantagens, limites e interesse para as ciências sociais	17
1. A prospetiva: génese, fundamentos, princípios	19
2. Alguns conceitos da prospetiva	24
2.1. Incerteza	25
2.2. Predição	26
2.3. Previsão	26
2.4. Cenários	27
3. Vantagens da prospetiva	30
4. Dificuldades e limites da prospetiva	31
5. Prospetiva, ciências sociais e sociologia	34
6. Considerações finais	38
Capítulo 2 – Políticas públicas e prospetiva: futuros possíveis e/ou presentes desejáveis?	43
Introdução	45
1. Políticas públicas e análise prospetiva: clarificações concetuais e questões críticas	47
1.1. Em torno da noção ambígua de «política pública» e dos fundamentos para a sua análise	49

Capítulo 1

Prospetiva

**Génese e fundamentos, conceitos,
vantagens, limites e interesse para as
ciências sociais**

José Saragoça

Carlos da Silva

Joaquim Fialho

1. A prospetiva: génese, fundamentos, princípios

Abordagem enquadrada nos *estudos sobre o futuro*,¹ a prospetiva é, hoje, uma poderosa ferramenta na área do planeamento, pela possibilidade que oferece na promoção e planificação da mudança cultural, ou seja, como auxílio à construção do futuro (Berger, 1957; De Jouvenel, 2000; Godet, 1993; Perestrelo, 2000; Porter, 1989; Davis, 1998; Van Der Heijden, 2000).

O desejo de conhecer o futuro é tão antigo quanto a humanidade. De facto, na tentativa de saber o que reserva o futuro, o homem sempre procurou reunir e sistematizar informações com objetivo de minimizar o risco das suas decisões (Marcial e Grumbach, 2006)² e das suas ações.

Ao longo da história o futuro foi sendo interpretado de inúmeras formas: como produto da magia (predominou, principalmente, na época medieval e interpreta o futuro como produto da adivinhação); com uma visão unidirecional (conceção que surgiu nos tempos modernos, muito graças ao conhecimento e métodos das ciências matemáticas e da estatística, e que assume que o futuro pode ser modelado com a aplicação de modelos de projeção, utilizando séries históricas de referência; e, ainda, mediante uma visão multidimensional e humanista (enfoque que surgiu no final da década de 1950, dando origem ao surgimento da prospetiva, e interpreta o futuro como dependente da ação do homem (Castro *et al.*, 2001).

Expressão atribuída ao filósofo e pedagogo francês Gaston Berger (1957), a prospetiva tem como propósito fundamental a exploração do futuro, de proceder ao «estudo do futuro distante».

(1) Segundo Bas (1999), o industrialismo e o desenvolvimento do sistema capitalista, bem como as suas consequências, foram os principais fatores que deram origem aos estudos do futuro. Valdés Cobos (2006) esclarece que o nascimento das [alegadas] «ciências do futuro» ocorreu na primeira metade do século XX, quando o capitalismo enfrentava uma das suas piores crises: a de 1929. Posteriormente, a Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria terão, segundo este autor, potenciado a sua consolidação e aquisição de estatuto científico em revistas, fundações, universidades e centros de investigação, tanto em países capitalistas como nos socialistas. Atualmente, existem duas grandes escolas de «ciências do futuro»: a World Future Studies – WFS – (com sede nos Estados Unidos da América, marcada por uma ideologia dos países ricos e por metodologias gestionárias) e a World Futures Studies Federation – WFSF – (promovida pela UNESCO, mais plural, aberto e com um enfoque mais normativo, orientada para o estudo dos problemas que os grupos sociais mais desfavorecidos enfrentam).

(2) Marcial e Grumbach (2006) fazem uma resenha das principais obras e acontecimentos históricos relacionados com os «estudos de futuro», proporcionando ao leitor uma profícua construção histórica da prospetiva no século XX.